

**A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO SOB A ÓTICA DA
EXPERIÊNCIA A PARTIR DO CONTO INFANTOJUVENIL “O
ESTRIBO DE PRATA” DE GRACILIANO RAMOS**

*THE FORMATION OF THE CRITICAL READER FROM THE VIEW OF
EXPERIENCE FROM THE CHILDREN’S TALE “O ESTRIBO DE PRATA” BY
GRACILIANO RAMOS*

Jéssica Figueiredo Paulucio^{1*}
Letícia Queiroz de Carvalho²

¹Secretaria de Estado da Educação – ES. E-mail: jessica.paulucio@hotmail.com

²Instituto Federal do Espírito Santo. E-mail: leticia.carvalho@ifes.edu.br

*Autor para contato.

Artigo submetido em 03/08/2019, aceito em 01/09/2019 e publicado em 20/12/2019

Resumo: O objetivo deste artigo consiste em analisar a formação do leitor nas séries finais do Ensino Fundamental utilizando o conceito de experiência difundido por Benjamin (1933) no contexto das primeiras décadas do século XX. Para isso, a pesquisa apresenta estudos realizados sobre a formação do leitor crítico a partir do conceito de experiência (BENJAMIN, 1933) e das abordagens teóricas envolvidas no estudo da literatura infantojuvenil. Utilizando o conto “O estribo de prata”, de Graciliano Ramos, por uma abordagem qualitativa, com observação em campo, foram analisadas as práticas de leitura no contexto escolar, a origem e as contribuições da obra infantojuvenil, bem como a produção escrita dos estudantes de uma escola pública da cidade de Muniz Freire, obtida ao final de uma sequência de atividades que motivam a criticidade e a experiência de leitura. Os resultados permitem concluir que o trabalho realizado com os estudantes concretiza o estudo teórico realizado nas próximas seções. Os alunos, após a leitura do conto de Graciliano Ramos e motivados por atividades que envolviam o relato das experiências, demonstraram maior criticidade nas produções escritas e no entendimento da leitura literária, enquanto potencializadora da aprendizagem, o que foi possível verificar nos relatos escritos e nos momentos dialógicos oportunizados ao longo deste trabalho.

Palavras-chave: Leitura crítica; experiência; conto infantojuvenil.

Abstract: The aim of this paper is to analyze the reader's education in the final grades of elementary school using the concept of experience spread by Benjamin in the context of the first decades of the twentieth century. For this, it presents the studies on the formation of the critical reader based on the concept of experience (Benjamin, 1933) and the theoretical approaches involved in the study of children's literature. Using Graciliano Ramos' tale “O estribo de prata” and qualitative research with field observation, we will analyze in this article the reading practices in the school context, the origin and the contributions of the children's works and written of a public school in Muniz Freire obtained at the end of a sequence activities that motivated the criticality and the reading experience. The results allow us to conclude that the work done with the students materializes the theoretical study carried out in the next sections. After reading Graciliano Ramos' short story and motivated by activities involving the sharing of experiences, the students showed greater criticality in the written productions and in the understanding of literary reading as a potentiator of learning, which was possible to verify in the written reports and in the moments dialogic opportunities provided throughout this work.

Keywords: Critical reading; experience; children's story.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo propomos reflexões sobre a formação do leitor crítico na interlocução com Walter Benjamin (1996), a partir do conceito de Experiência difundido pelo autor e das discussões que norteiam o campo da literatura infantojuvenil. Benjamin (1933) foi filósofo, ensaísta, tradutor, crítico literário alemão, considerado um dos maiores pensadores do século XX. Pensador emblemático da filosofia contemporânea, o autor é reconhecido pelos conceitos teóricos que envolvem a teoria estética, o pensamento político, a filosofia e a história, deixando vasta obra para as pesquisas de nosso tempo.

Recorrer ao filósofo alemão para referenciar essa pesquisa consiste em reconhecer o objeto literário que Benjamin trouxe em seus textos, bem como as interfaces com outras áreas do saber, os quais oportunizam a compreensão de que o olhar para a literatura exige mais do que a sistematização de regras, além da reflexão dos pensamentos apresentados por cada escolha vocabular, ou seja, o conjunto de mensagens apresentadas pelo enunciador. Embora Benjamin (1933) não tenha escrito especificamente sobre a leitura no contexto escolar, vale considerar que, em meio a concepções sobre a juventude alemã, o estudioso deixa claro que a experiência traumática advinda da segunda guerra mundial e do advento do progresso e da informação na sociedade alemã de sua época, introduz a discussão sobre a escassez da experiência nas práticas sociais (Benjamin, 2002).

Apropriando-se de tal conceito (Benjamin, 1933) e da leitura do conto “O estribo de prata”, sexto capítulo do livro *Alexandre e outros heróis*, escrito em 1944 por Graciliano Ramos, o trabalho culminou com uma produção escrita realizada pelos estudantes do 7º ano que será analisada na apresentação dos resultados. Para isso, foram propostos alguns diálogos a partir dos pressupostos teóricos de Benjamin (1933),

Goldin (2012), Arroyo (2011), Petit (2005) e Bajour (2012) sobre a formação do leitor e o aprofundamento do conceito de experiência. A significância no estudo com os conceitos de Benjamin permitiu que fossem realizadas muitas pesquisas no campo da experiência e da literatura, uma vez que há uma relação direta da leitura e do espaço dialógico nas abordagens do autor. No entanto, este artigo se torna saliente por abordar a literatura a partir da formação do leitor crítico, o que potencializa o ato de ler e ressignifica a experiência benjaminiana enquanto fator social e contribuição cultural de um país.

A organização deste artigo apresenta-se da seguinte forma: a seção dois oferece um breve histórico da literatura e o atual panorama da leitura infantojuvenil no contexto escolar, enfocando os caminhos da leitura e o espaço mediador da escola. A seção três discute a criticidade nas obras de Graciliano Ramos especificando o conto “O estribo de prata”. A seção quatro aborda a formação do leitor sob a ótica da experiência. A seção cinco apresenta as metodologias, os procedimentos da pesquisa e a apresentação do contexto escolar. A seção seis apresenta alguns fragmentos da produção escrita dos estudantes do 7º ano da unidade escolar selecionada para a pesquisa e a seção sete traz a análise dos resultados, bem como seus desdobramentos futuros.

2 HISTÓRIA DA LITERATURA E O ATUAL PANORAMA DA LEITURA INFANTOJUVENIL

É notório considerar que a literatura é um importante meio para a compreensão e a reflexão das práticas sociais, conforme salienta Zilberman (1985), em suas considerações sobre a literatura infantil. Embora haja indivíduos que ainda não tenham se apropriado com criticidade dos benefícios culturais e estéticos proporcionados pelo contato com as produções literárias, é importante considerar que o texto literário é fundamental para o

entendimento da literatura enquanto representatividade de um contexto social.

Não é novidade afirmar que, nas últimas décadas, a leitura se tornou mais acessível. O avanço no sistema educacional, a garantia do ensino para toda a população e as aquisições para os acervos das bibliotecas públicas abriram caminhos para o advento da leitura.

Com a facilidade no acesso à literatura, outras dificuldades, no entanto, foram se consolidando ao longo dos anos. O excesso de material disponível, a escassez da leitura crítica e interpretativa, a falta de incentivo familiar e o uso de metodologias pedagógicas desatualizadas e maçantes ainda são desafios para o progresso da prática leitora no país. Ainda assim, o que se pode afirmar é que o fácil acesso à literatura, seja digital ou impressa, tem contribuído significativamente na formação do leitor juvenil e tem agregado novas possibilidades de leitura ao cotidiano escolar.

O mesmo caminho também foi seguido pela literatura infantojuvenil. Assim que se tornou mais acessível à população, a leitura para crianças motivou diversos estudos, a fim de aprimorar o uso desse recurso nos primeiros anos. Nesse sentido, Goldin (2012, p. 59) referenda que

[...] podemos adiantar que a evolução da literatura para crianças deixou de ser uma literatura infantil, ou seja, uma literatura para ser ouvida e acatada (não para fazer falar), para uma literatura que busca ou propicia, de diversas formas, o diálogo, a participação ativa das crianças no mundo.

Mediante o cenário formado e tendo em vista a potencialidade adquirida pelas obras infantojuvenis, as editoras apressaram-se em produzir materiais para comercialização de obras que contemplassem os requisitos sugeridos nas pesquisas publicadas; algumas priorizando ilustrações, cores e formas com o intuito de atingir o imaginário infantil; outras

salientando o conteúdo e a relevância autoral a fim de motivar a compra do produto, conforme salientam os estudos de Benjamin sobre a criança, o brinquedo e a educação traduzidos por Mazzari em 2002.

Nesse intuito, novas preocupações surgiram na mesma proporção que obras dedicadas ao público infantil. Com fins meramente lucrativos, algumas empresas priorizaram o aumento das vendas, abrindo mão da qualidade do produto e da formação do leitor crítico. Embora a corrida editorial tenha sido motivada pela comercialização em massa de obras paradidáticas, vale ressaltar que, como fator positivo, um grande acervo é hoje destinado ao público infantojuvenil, seja por meio virtual ou pelas versões impressas em livrarias e bibliotecas.

Inúmeras obras são adaptações de clássicos da literatura e muitas outras apresentam temáticas que refletem o atual cenário social do país. Nessa vertente, Bajour (2012), ao analisar a prática leitora e a biblioteca, considera que há bons livros no mercado, mas o fundamental, na atual situação mercantil pela qual a leitura passa, é que haja boas escolhas. Logo, para além das influências capitalistas e da produtividade direcionada a fins lucrativos, o interesse das editoras em comercializar obras de variados gêneros gerou também o acréscimo de obras no mercado de trabalho e maiores possibilidades de acesso a livros variados.

Na mesma vertente, Zilberman (2009) completa afirmando que a discussão acerca da importância de se trabalhar com literatura na escola iniciou-se dos anos 70 para os 80, década em que houve uma grande discussão sobre os caminhos da educação e da leitura na escola.

2.1 DO FANTASIOSO À REALIDADE: PERCURSOS DO LEITOR INFANTOJUVENIL

Arelado às mudanças ocorridas ao longo da história da literatura, o perfil dos leitores do século atual foi sendo alterado

em virtude das características da contemporaneidade desenvolvidas ao longo dos textos literários. Refletindo as experiências sociais vividas em um determinado período, parte das obras publicadas nos últimos anos promoveu reflexões importantes para que a sociedade fosse alterando princípios e consolidando concepções.

Embora muitos autores tenham se reinventado mediante às necessidades dos leitores, ainda há de se considerar que o primeiro contato com a leitura, ainda na infância, parte do desejo de adentrar em um mundo fantasioso, primeiro percurso do leitor infantojuvenil. Reflexões à parte, ainda nos primeiros anos da alfabetização, muitos educadores iniciam o processo educativo motivando a ludicidade, o fantástico e a criatividade da criança, o que acaba sendo um pano de fundo para adentrar na criticidade que se espera do aluno leitor.

É o caso dos famosos contos de fadas. Em princípio, são invenções surreais, muitas vezes ilustradas e coloridas, que se destacam por fazer a criança entrar no mundo imaginário da leitura. Mas nada impede que, uma vez que são atemporais, possibilitem também uma apropriação da realidade narrada, segundo percurso do leitor infantojuvenil, uma vez que passa a reconhecer dentro da ludicidade aspectos da realidade narrada pelo autor. Darnton (2015), ao citar Goldín (2012, p. 67) afirma que

Os contos são de fato documentos históricos. Evoluíram durante muitos séculos e adotaram diferentes formas em diferentes tradições culturais. Em vez de expressar o funcionamento imutável do ser interior do homem, sugerem que as mentalidades sofreram mudanças.

Dessa forma, pode-se inferir que a utilização de textos lúdicos auxilia também na compreensão da realidade, uma vez que despertam o “[...] desenvolvimento de uma atividade feliz e fácil, imaginação, dramatismo, técnica de desenvolvimento e linguagem” (ARROYO, 2011, p. 39).

Não obstante, há de se considerar que, possibilitando o acesso lúdico às obras, o perfil de leitura tende a expandir para a criticidade e para a transformação da realidade apresentada pelo autor, último estágio da tentativa de consolidar a leitura fantasiosa, crítica e transformadora.

2.2 O ESPAÇO MEDIADOR DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Estudos realizados no âmbito educacional apontam a função do professor como mediador na formação do leitor e na disseminação de práticas de leitura. Durante décadas, os professores, principalmente os que lecionavam Língua Portuguesa, foram incumbidos de promover meios para que a leitura se desenvolvesse em seus espaços de trabalho.

No entanto, na prática docente e mediante as atribuições adquiridas pela escola, acredita-se que o poder mediador não deve estar restrito a um grupo isolado da instituição, mas a todos que fazem parte do processo educativo, conforme salienta Petit (2005) ao considerar que, se o jovem é reflexo das vivências familiares e que, se a família não tem o hábito de priorizar a leitura, dificilmente o jovem se manifestará sozinho.

Não se pode negar, no entanto, que o papel do professor é imprescindível nesse processo. Ao lidar com a leitura no espaço escolar, por exemplo, há de se considerar que muitas são as dificuldades em trabalhar uma obra paradidática padronizada em um ambiente coletivo como a sala de aula. A diversidade de opiniões existentes, a dificuldade em atingir o gosto de leitura do outro, as metodologias desatualizadas para o trabalho com a leitura e a aceitação/ rejeição de grupos para com determinada obra deixam claro que são necessários cuidados para que a literatura seja objeto de criticidade e não empecilho que afaste o educando do universo literário.

Além de toda a comercialização que paira sobre as obras, conforme tratado no capítulo anterior, Arroyo (2011) acrescenta

que a diferença de valores entre o adulto e a criança pode implicar na escolha de obras com caráter moralizante e que a escola está sujeita à didatização de uma obra, associando-a ao livro didático e perdendo a oportunidade de transformá-la em uma fonte de reflexão. Processo este que consiste no uso de obras paradidáticas para o ensino exclusivo de conceitos gramaticais e contextualização literária, abrindo mão, em muitos momentos, das reflexões e das provocações que o texto pode suscitar em seu leitor.

Na mesma vertente, Lajolo (1993) destaca que a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível. A leitura só se torna livre quando se respeita o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. É imprescindível que os espaços de leitura oportunizem que o ouvinte reconheça seus aspectos de leitura com o intuito de potencializá-la no campo da criticidade.

3 FORMAÇÃO DO LEITOR INFANTOJUVENIL SOB A ÓTICA DA EXPERIÊNCIA

A partir dos estudos realizados por Cândido (1972), no campo da formação do leitor literário, é possível inferir que o conceito de leitor na contemporaneidade não consiste somente em saber produzir uma narrativa ou compreender uma mensagem, mas em apoderar-se dos enunciados, a fim de modificar os conflitos existentes no meio social. A narrativa de Graciliano Ramos (2006), no conto intitulado “O estribo de prata”, leitura proposta como base para a referida pesquisa, apesar de ser composta por pequenas páginas, traz variadas possibilidades de compreender a realidade vivida no nordeste do Brasil. Repleta de histórias fantásticas, personagens fortes e regionalismo, a obra aborda aspectos importantes do ponto de vista social e econômico e cultural.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017) estabelece que o tratamento das práticas leitoras compreende dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão. Nessa concepção, a abordagem diferenciada no relato de experiências sobre o folclore brasileiro abordados no conto em análise, trazia, já no início da década de 90, evidências de que a literatura estava à frente de seu tempo, propondo, desde as fanfarrices de Alexandre até as curadorias do Mestre Gaudêncio, um olhar crítico e reflexivo de episódios do país.

O conceito de experiência difundido por Benjamin (1933) também já previa que as experiências sensíveis possíveis a partir das práticas sociais iriam se aniquilar com o tempo e, provavelmente, deixariam de ser transmitidas de geração em geração. O filósofo alemão, ao viver o contexto traumático da segunda guerra e o vertiginoso crescimento do progresso, apontou a impossibilidade de transmitir ou narrar experiências em cenários sociais em que o silenciamento dessas experiências seriam decorrentes do excesso de informação e da crescente industrialização que traziam novo ritmo às narrativas da vida e aos processos sociais de produção. Ramos (1944) ao introduzir Alexandre como o protagonista do conto “O estribo de prata” deixa transparecer o anseio pelo compartilhamento das experiências do personagem com seu grupo social, a fim de que as histórias tanto do personagem quanto do nordeste brasileiro não se perdessem.

Não obstante, ao propor uma narrativa marcada por regionalismos e credices, o autor revela a preocupação em atingir no público-leitor uma comunicação mais aproximada e correlata ao estilo de vida da população brasileira por meio de lendas, uma vez que ainda paira na imaginação do brasileiro as tradições e os mitos perpassados pelas gerações. Parafraçando Benjamin (1996), no texto “Experiência e pobreza”, o personagem principal criado por Graciliano (1944) lembra-nos que é cada vez mais raro encontrarmos pessoas que saibam narrar uma história direito, quer seja

oralmente, quer seja pela escrita. As pessoas estariam perdendo cada vez mais a faculdade de trocar experiências, e, conseqüentemente, a habilidade de narrar. O ato de narrar uma história requer tempo e ouvintes reunidos para tal, o que o ritmo de trabalho de hoje em dia não mais permite, pois, ao contrário do trabalho dos antigos artesãos, feito com calma, e normalmente em grupo, agora trabalhamos com muito mais pressa, e normalmente sozinhos. Para Benjamin (1996, p.197-198),

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

Entre dizer e calar geralmente predomina o silêncio e o refúgio. Partindo desse princípio, Petit (2005), estudiosa do conceito de experiência de Benjamin, salienta que muitas pessoas compreendem o valor da leitura e da experiência, mas apresentam dificuldade em compartilhar e ouvir o outro, conforme observado nas atitudes dos personagens secundários criados por Graciliano Ramos que, além de não acreditarem nas credências de Alexandre, limitavam-se a ficar distantes do protagonista e inertes às situações surreais que eram contadas.

Dessa forma, a formação do leitor infantojuvenil pressupõe superar a escassez da experiência. É necessário que as vivências sejam compartilhadas, que as opiniões sejam ouvidas e que as práticas de ensino não massacrem a leitura. Vozes, gestos e silêncios são manifestos. São importantes marcas de um sujeito que busca se desenvolver e transformar a realidade onde vive.

3.1 O VALOR DA ESCUTA NO TRABALHO COM AS OBRAS DE GRACILIANO RAMOS

Este caso se deu, começou Alexandre, um dia em que fui visitar meu sogro, na fazenda dele, três léguas distantes da nossa. Já contei aos senhores que os arreios do meu cavalo eram de prata (Ramos, 2006, p.32).

O excerto retirado do conto “O estribo de prata”, de Graciliano Ramos, introduz o valor da escuta nas obras do autor. Todo o texto se desenvolve a partir de diálogos, de conversas, de práticas de experiência, objeto das nossas reflexões neste texto.

O conto “O estribo de prata”, apesar de curto, traz boas lembranças e mostra que o Brasil é cheio de boas histórias. O protagonista, assim como as crianças, gosta de atenção, de viver o fantástico, não confia nos ouvintes e sente a necessidade de compartilhar, assim como Benjamin apresentou em seus escritos o seu conceito de experiência.

Compartilhando por meio da escrita, o autor incute na literatura a experiência que vivenciou ou escutou nas suas andanças pelo sertão nordestino. A importância concedida aos que escutavam o personagem Alexandre, corresponde àqueles que também zelam pelas memórias. Além de toda a obra ressaltar o valor da experiência, principalmente de tradições e costumes, o trabalho com os textos de Graciliano Ramos também exige a escuta do aluno e das suas próprias lembranças.

4 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A metodologia proposta para a realização deste trabalho consistiu em uma base qualitativa que utilizou os princípios da experiência benjaminiana e as reflexões propostas por estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental a respeito do conto “O estribo de prata”, de Graciliano Ramos. A escolha de tal abordagem ocorre pela proximidade com o público-alvo deste trabalho. Tendo em vista que a pesquisa qualitativa, proposta por Bogdan e Biklen em 1994, tem contribuído nos estudos pedagógicos, a opção por tal metodologia se

torna ainda mais significativa, uma vez que prioriza a escuta do outro e o compartilhamento da experiência.

A cidade de Muniz Freire pertence à região do Caparaó e é localizada no sul do estado do Espírito Santo. Rodeada por montanhas e com temperatura baixa, possui cerca de 20.000 habitantes distribuídos pelo centro da cidade e mais cinco distritos. A escola analisada é localizada em um desses distritos, mais precisamente em Piaçu. Assim como a maior parte do município, os habitantes de Piaçu residem, em sua maioria, na zona rural e moram em comunidades com acesso restrito à vila principal.

Como não é cidade universitária e a economia da região gira em torno da agricultura e da pecuária, grande parte dos estudantes não anseiam progredir nos estudos, até mesmo em virtude de uma cultura familiar arraigada que não permite tal prática. Dentre seus costumes, a cavalgada é uma prática predominante na região, tendo em vista a criação de gados para consumo próprio, venda a terceiros e tiragem de leite para cooperativa existente na cidade.

O corpo docente da unidade é composto de professores com mais de cinco anos de atuação, possuindo, a maioria, vínculo efetivo na rede estadual. A escola é composta de três pavimentos e oferece

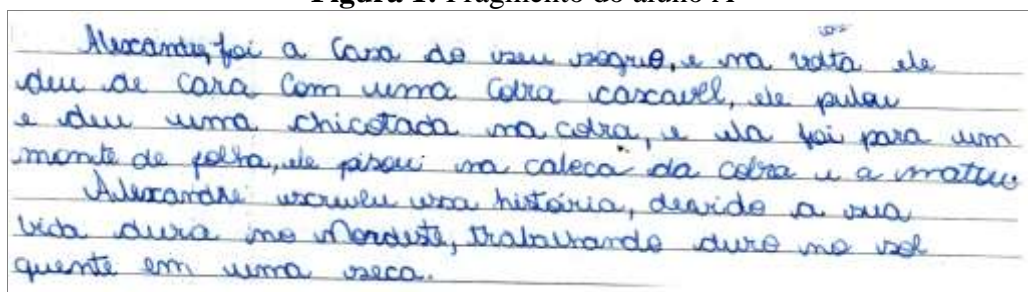
condições para que se trabalhe de forma diversificada.

A pesquisa foi desenvolvida com um grupo de 35 estudantes do 7º ano do ensino fundamental de uma escola da Rede Pública Estadual, localizada em Muniz Freire/ES. Após a introdução do assunto, os estudantes tiveram acesso ao conto “O estribo de prata”, de Graciliano Ramos, por meio de uma leitura coletiva e projetada. Feita a leitura, os estudantes refletiram sobre o assunto, compartilharam tradições e costumes que ainda vivenciam em suas localidades e produziram pequenos textos descrevendo as emoções e as experiências que a história proporcionou. Em seguida, ressaltaram os pontos positivos da obra e os motivos pelos quais escolheriam ou não o texto lido.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

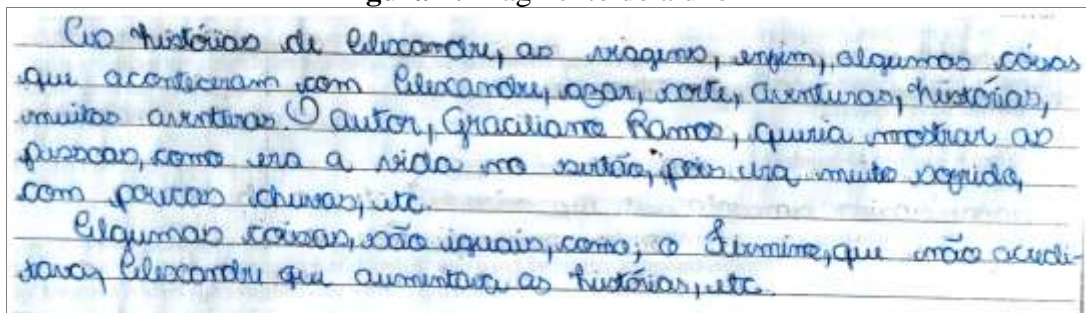
Após a realização das primeiras etapas que permitiram o conhecimento e a discussão sobre o conto “O estribo de prata”, os estudantes, questionados sobre os traços da obra que se assemelham com a vida no distrito de Piaçu, produziram pequenas narrativas, conforme explicitado nos excertos que seguem.

Figura 1: Fragmento do aluno A



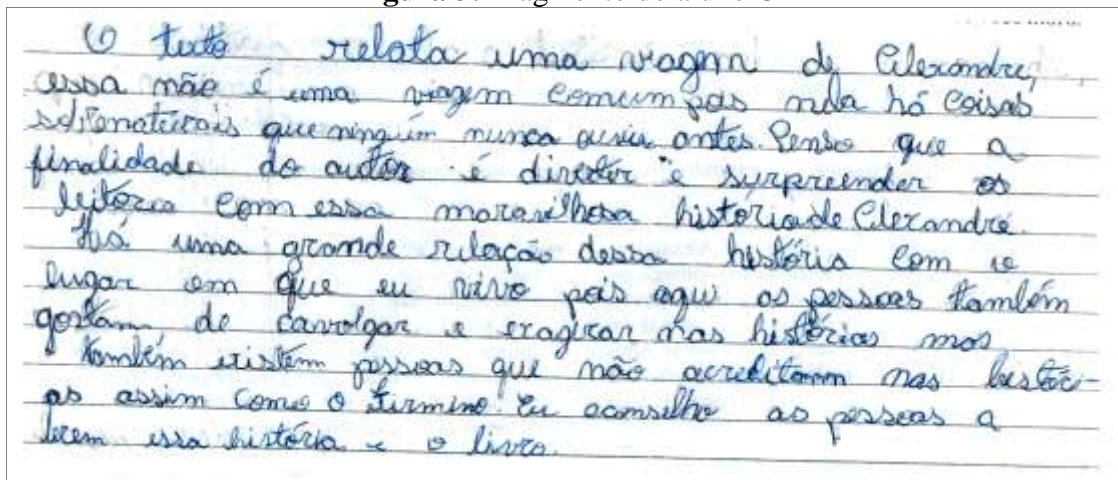
Alexandre foi a casa do meu vizinho, e na volta ele deu de cara com uma cobra cascavel, ele pulou e deu uma chicotada na cobra, e ela foi para um monte de folha, ele pisou na caleta da cobra e a matou. Alexandre escreveu uma história, devido a sua vida dura no Nordeste, trabalhando duro no sol quente em uma seca.

Figura 2: Fragmento do aluno B



As histórias de Graciliano, as viagens, enfim, algumas coisas
 que aconteciam com Graciliano, agora, conte, aventuras, histórias,
 muitas aventuras. O autor, Graciliano Ramos, queria mostrar as
 pessoas, como era a vida no sertão, pois era muito difícil,
 com poucas chuvas, etc.
 Algumas coisas, são iguais, como, o Sumire, que não acredita
 nas histórias que acontecem, as histórias, etc.

Figura 3: Fragmento do aluno C



O texto relata uma viagem de Alexandre,
 essa não é uma viagem comum pois não há coisas
 extraordinárias que ninguém nunca viu antes. Pense que a
 finalidade do autor é divertir e surpreender os
 leitores com essa maravilhosa história de Alexandre.
 Há uma grande relação dessa história com o
 lugar em que eu vivo pois aqui as pessoas também
 gostam de exagerar e contar histórias mas
 também existem pessoas que não acreditam nas histó-
 rias assim como o Sumire. Eu aconselho as pessoas a
 lerem essa história e o livro.

As análises realizadas nos escritos de Graciliano Ramos permitem compreender as peculiaridades de uma região do país, bem como a linguagem utilizada e as tradições cultivadas em uma determinada localidade. A intencionalidade do autor ao fazer escolhas que valorizem a tradição e o reconhecimento da terra em que se vive também são aspectos importantes encontrados nos relatos dos estudantes-alvos da pesquisa. Embora haja distância significativa entre as cinco regiões do Brasil, é fácil perceber que os costumes ultrapassam fronteiras e caracterizam toda uma nação.

Com as obras de Graciliano Ramos acontece exatamente esse processo. Mesmo parte delas sendo escritas a partir do folclore nordestino, resultam em uma releitura de todo o país a partir do momento em que se condensam histórias raízes que marcam a identidade da população. Não obstante a isso, o relato do

Aluno C possibilita compreender que muitas outras proximidades da localidade onde a escola é situada foram encontradas dentro do texto de Graciliano, como a incredulidade da população àquilo que não se viu e o exagero nos “causos” contados.

Goldín (2012, p. 56) ao afirmar que “[...] a literatura para crianças é um objeto complicado de se definir conceitualmente” deixa evidente a dificuldade tanto da seleção de textos apropriados quanto do trabalho com as obras propostas. Apoderando-se de linguagem regional e complexa, de tradições arraigadas e de um enredo que corresponde a um pequeno grupo sertanejo, o trabalho com as obras de Graciliano Ramos pode gerar algumas dificuldades, seja pela escolha vocabular regional do autor seja pelo relato de costumes próprios de uma localidade. Em contrapartida, uma boa mediação acrescida de uma leitura reflexiva e da associação às vivências dos estudantes pode fazer o

trabalho com tais obras ser extremamente proveitoso, a ponto de despertar não só o prazer pela leitura, mas o prazer em participar e transformar as questões sociais abordadas, visto esta apresentada no relato do Aluno C ao qualificar a obra e reconhecer uma possível finalidade do autor ao escrever o texto.

O texto foi selecionado, inicialmente, pela abordagem temática apresentada. A história interiorana, os casos de cavalaria, o linguajar diferenciado e a narrativa fantasiosa foram os primeiros critérios para a seleção do texto que seria trabalhado com os estudantes. Dentro da narrativa, Alexandre, após realizar uma viagem com o sogro para a região sul do Brasil, vive experiências importantes junto ao seu gosto pela cavalaria. O retrato apresentado pelo protagonista é peculiar da região Nordeste, mas oferece aspectos que se assemelham à realidade das cavalgadas vivenciadas pelo público-alvo desta pesquisa, bem como as narrativas fantasiosas dos incontáveis dias de cavalgadas vivenciados pelos estudantes e mencionado no terceiro relato da última seção.

Embora alguns vocábulos utilizados pelo autor sejam próprios dos habitantes do Nordeste, a história pode ser facilmente imaginada tanto pelas crianças quanto pelos adultos, aspecto positivo das obras de Graciliano Ramos. Diferenciando-se por tratar temáticas sociais, o autor se destaca ainda pela proximidade com o leitor e pelo aspecto crítico retratado em seus textos, conforme observado no segundo relato em que a aluna atribui o uso de palavras duras ao estilo de vida massacrante das personagens no sertão.

As atividades desenvolvidas pelos estudantes em nossas práticas de leitura na escola permitem concluir que o trabalho realizado a partir do compartilhamento de experiências se torna mais significativo. Aproximar a história narrada com o cotidiano dos alunos é fundamental, tendo em vista a riqueza cultural e os conhecimentos que estes trazem para o

ambiente escolar. Suscitar a criticidade, independentemente de a obra ser canônica ou não, consiste na base para desenvolver a leitura reflexiva nos estudantes.

Existem diversas metodologias para se trabalhar a leitura em sala de aula. Longe de massacrá-las, o resultado deste estudo aponta que todo o trabalho se torna válido quando desperta no estudante o anseio de compreender o cenário apresentado na obra e iniciar o processo de transformação do espaço onde vive. Para tanto, é importante salientar que um dos caminhos para que tal ato se concretize consiste na busca pelo diálogo com o educando. Ouvir as experiências e estabelecer vínculos de proximidade com o universo do educando é, portanto, uma das possibilidades para a formação de um leitor crítico.

Em um mundo no qual as experiências sensíveis têm sido cada vez mais desvalorizadas em detrimento do produtivismo, da competição e do individualismo, entendemos que a leitura literária pode ser um potente caminho para o resgate da socialização das experiências vividas concretamente em uma sociedade que nunca precisou tanto de cidadãos críticos, alinhados às questões sociais do seu tempo e dispostos a escutar o outro e a falar de si, em um movimento de inserção na coletividade e na transformação dos espaços pelos quais transita e interage.

Acrescido de conhecimentos populares, tais como a lua vermelha que anuncia a infelicidade, a cobra que “botou” o rabo entre as pernas, a tristeza de morte no campo, a conta dos anos a partir dos anéis do animal e o veneno com duração limitada, o autor perpassa os costumes de um povo para a literatura e promove reflexões sobre o tradicional. Até mesmo a visita ao sogro que acontecia duas vezes por mês refaz a experiência de tantas famílias que, pela rotina semanal, dedicam seus dias de folga ora para a família da esposa, ora para a família do esposo alternadamente.

6 CONCLUSÕES

A proximidade proposta por Graciliano Ramos, bem como a temática própria da infância que o autor desenvolve em grande parte de seus escritos, faz com que sua literatura seja apropriada para o público infantil. Apropriando-se das relações entre infância, escrita e experiência, o autor permite o acúmulo, a repetição e o desdobramento da infância ao longo de suas obras.

Neste intuito, é possível dizer que Graciliano visa, por intermédio da escrita, à “[...] redenção do passado” proposta por Benjamin (1994), uma vez que o contato do passado com o presente possibilita um saber diferenciado.

O trabalho com o conto “O Estribo de Prata” permite concluir que o trabalho de mediação é fundamental para a formação do leitor crítico. Proporcionar a leitura atenta, dialogada e reflexiva são caminhos que possibilitam um novo olhar sobre o texto literário, principalmente quando se fala na formação do leitor no Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira**. São Paulo: Editoria Unesp, 2011, p. 11-30.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, Walter. **O conceito de crítica de arte no romantismo alemão**. São Paulo: Iluminuras, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação**. São Paulo: Duas Cidades Editora 43, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2009

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto – Portugal. Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDIDO. A. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura, São Paulo, v.24, n.9, p.803-809, set., 1972 .

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GOLDÍN, Daniel. “A invenção da criança: divagações em torno da história da literatura infantil e da infância”. In: **Os dias e os livros**. Divagações sobre a hospitalidade da leitura. São Paulo: Ed. Pulo do Gato, 2012.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. de Celina Olga de Souza: São Paulo, 2005.

RAMOS, Graciliano. **Alexandre e outros heróis**. Rio de Janeiro: Record LTDA, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 1985.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura de literatura. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.